

A Lenda do Pai Inácio ou Kokumo?

Adaptação do filme
A Lenda do
Pai Inácio ou Kokumo?

Líllian Pacheco

Série - Mitos e histórias das vivências
da Pedagogia Griô – vol IV
Para adolescentes de 14 a 120 anos

Edição
Grãos de Luz e Griô
Lençóis - BA, 2015

Lillian Pacheco

A Lenda do Pai Inácio ou Kokumo?

Adaptação do filme A Lenda do Pai Inácio ou Kokumo?

Série - Mitos e histórias das vivências
da Pedagogia Griô – vol IV
Para adolescentes de 14 a 120 anos

Edição
Grãos de Luz e Griô
Lençóis - BA, 2015

FICHA CATALOGRÁFICA:

Pacheco, Lillian.
A Lenda do Pai Inácio ou Kokumo?, Edição Grãos de Luz e Griô,
Lençóis, BA, 2015

1. Bamburrar. 2. Cascalho. 3. Emprenha.

Dedicatória

Dedico este livro a educadores que cuidam da
consciência histórica das crianças e jovens
brasileiros



Autoria do texto

Líllian Pacheco



Coordenação e produção

Líllian Pacheco e Márcio Pial

Projeto gráfico

Márcio Pial e Líllian Pacheco



Artes gráficas

Márcio Pial

Capa

Arte Gráfica: Márcio Pial



Fotografia

Ciro Pacheco, Davi Pacheco
e Uilami Dejan

Edição

Grãos de Luz e Griô, 2015

Impressão

Gráfica Santa Bárbara LTDA
Salvador - BA, 2015



Apresentação

Baseado no roteiro do filme *A Lenda do Pai Inácio ou Kokumo?*, este livro conta as versões e inversões em preto e branco de nosso ser brasileiro. Não é suficiente clarear, é preciso escurecer, se ver no escuro e na história que só o preto conta. A história tem diversos pontos de vista, a inversão preta da versão branca, e vice versa.

A Lenda do Pai Inácio tem um roteiro contado e recontado pelos guias em cima do morro do Pai Inácio, patrimônio ambiental da Chapada Diamantina. Inventamos a inversão preta da lenda para o filme *A Lenda do Pai Inácio ou kokumo?* em oficinas de produção partilhada de roteiro, produção cultural, fotografia e teatro dos jovens do Grãos de Luz e Griô em parceria com o Projeto Cinema no Interior.

Depois adaptamos o roteiro para o conto que se apresenta neste livro. Para qual mito nossa vida flui ou é manipulada a fluir? Se libertar pela paixão ou se apaixonar pela liberdade?





Era uma vez um menino neto de um Preto Velho africano. Ele nasceu e cresceu numa fazenda da Chapada Diamantina, aprendeu a trabalhar, correu nas pedras e nadou escondido nos rios.

Ele aprendera desde cedo a ficar calado, porque mesmo calado podia estar errado. E errado tinha cheiro de sangue de açoite e de tronco. Seu pai garimpava todo dia no rio. A senzala era sua casa, nela viviam todos os parentes de todas as idades, nela se dançava para os orixás, para os caboclos e para aprender a lutar. Todo dia ele brincava de lutar com o seu amigo, Karran, e perdia.





Um dia, chamaram ele correndo. Sua mãe já tinha costurado a mortalha da morte e estava deitada na cama faziam dias.

- Kokumo -, a mãe o chamou.

- Sou Inácio -, respondeu o menino.

- Inácio, venha cá perto de mim –, a mãe chamou de novo com voz ofegante no escuro do quarto, onde só uma vela assombrava a parede.

O menino preso pelo medo e covardia entre as aduelas da porta, não conseguia chegar tão perto da morte, hipnotizado pelas sombras.

- Inácio –, falou mais forte a mãe.

- Tô aqui mãe –, respondeu o menino se ajoelhando ao pé da cama.

- Pegue esta guia do seu orixá e guarde. Quando você não souber mais para onde ir, olhe para traz, meu filho. Um dia você vai ter que decidir se você é Inácio ou se você é Kokumo.

Sua mãe fechou os olhos e dormiu o sono dos mortos. O menino pegou a guia pendurada entre os dedos da mãe e escondeu na senzala.





Inácio foi para a grande pedra na beira do rio chorar e chorar. Não entendia como podia existir tanta água dentro dele. Karran chegou, colocou a mão em seu ombro por um tempo. Depois lhe desafiou a lutar. Eles lutaram até Inácio ficar muito machucado.

Voltaram para a senzala já de noite e deitaram exaustos na esteira. Naquela noite Inácio sonhou com a voz de sua mãe repetindo:

- Um dia você vai ter que decidir se você é Inácio ou se você é Kokumo.
- Um dia você vai ter que decidir...





Os meninos cresceram e cada um tomou o caminho que era destinado tomar. Karran que era mais esperto na capoeiragem se tornou capataz da fazenda e Inácio, habilidoso na bateia se tornou garimpeiro.

De novo na roda, Inácio lutava e perdia.

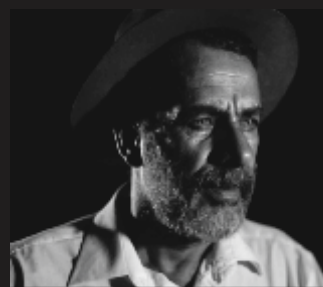
- Se machucou?-, perguntou a negra mais linda da fazenda.

Inácio saiu machucado e envergonhado, não queria que ela o visse perdendo novamente e foi-se deitar em sua esteira.

O Preto Velho que lhe acompanhava desde criança sentou ao seu lado, acendeu um cachimbo e falou:

- Calma Kokumo, ninguém vence Karran. Inácio nem percebeu que o Preto Velho insistia em chamar-lhe pelo nome africano, e assentiu:

- Ninguém vence Karran.





Outro dia de trabalho. Inácio caminhava de manhã cedo entre os cascalhos do garimpo rumo às lavadeiras, quando encontrou um garimpeiro morto com um diamante na mão.

O que acontecera com ele? Sabia que aquela pedra valia muito e que deveria escondê-la. Quem sabe um dia poderia fugir com ela para bem longe dali! Pensou.

No pé de uma árvore velha enterrou a pedra.





Outro dia igual. Trabalho duro no garimpo.

- Inácio! O barão quer falar com você -,
comandou karran.

Inácio baixou a cabeça e seguiu em
direção ao casarão. Entrou com
movimentos desconfiados, olhos baixos
diante do barão.

- Tire a roupa.

O barão analisou detalhes do corpo de
Inácio com um misto de admiração e
desdém.

- Você serve. Vista aquela roupa e venha
comigo.

Inácio não entendia o sentido das
orientações, mas executava calado,
porque aprendera desde menino a agir
assim com os brancos. Por dentro uma
paixão lhe animava a ser diferente, mas
ele não sabia de onde vinham nem para
onde iam seus sentimentos, então
obedecia às ordens.



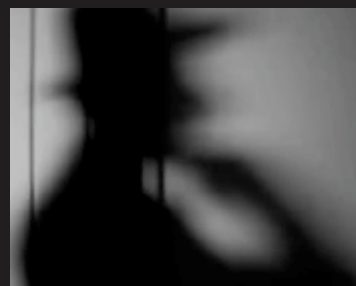
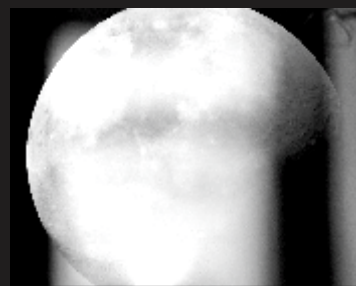


Chegaram a um quarto vazio e escuro do andar de baixo do casarão, apenas iluminado por reflexos da lua cheia que entravam pela janela.

- Escolhi pessoalmente para você. Emprenha esta negrinha. Você não vai ser mais garimpeiro. Vai ser reprodutor de futuros serviçais da fazenda.

Inácio viu o rosto dela. Seu olhar e pele negra brilhavam no escuro. Era ela. Uma lua cheia e trêmula no canto do quarto. O corpo dela infeliz e oprimido acordava-lhe a paixão que não conhecia. A paixão de ser dono de algo, já que não era dono de si mesmo.

Todas as noites o barão ordenava pessoalmente o serviço de reprodutor de Inácio e assistia a cena.





Os dias agora passavam rápido, porque Inácio sonhava com o quarto quente, onde se sentia forte e quase dono de si. Já nem se lembrava da presença louca do barão.

Os dias dela eram sufocantes. Descobrir que estava grávida e não mais gemia de raiva, sentia-se desaparecer. A imagem de conceber um filho daquele quarto frio lhe desesperava. Mais um filho negro que serviria sua vida como comida para os brancos. Contara ao Preto Velho e ele prometera-lhe plantas para abortar.

A notícia da gravidez se espalhou entre os garimpeiros e chegou aos ouvidos de Inácio. Um dia, sentados na esteira para comer, Inácio pegou seu prato de negro reprodutor que era sempre mais bem servido. Ofereceu a ela um pedaço de galinha. Pela primeira vez ela conseguiu reagir e deu-lhe uma cusparada no rosto.

Inácio olhou humilhado para o Preto Velho que lhe repreendia com palavras afiadas:

- Eu pensei que você fosse kokumo, mas você não passa de um Inácio qualquer.





Ela saiu da roda sem rumo. Os sons e as imagens de Inácio e do barão gemendo no quarto escuro e frio lhe enlouqueciam. A sensação de uma criança escrava no seu ventre lhe desesperava.

Quase inconsciente, sem conseguir dar conta de seus próprios movimentos, pegou uma corda e saiu pelo mato caminhando pela noite escura. Amarrou a corda numa árvore velha e sem sentir nada, se enforcou.

Inácio acordou cedo, sonhara toda a noite com o Preto Velho cochichando em seus ouvidos. Não lembrava as palavras, mas sentia que era hora de cavar a pedra, falar de amor para ela, fugir para o alto das serras e ser pai.

Quando chegou aos pés da árvore velha, onde enterrara o diamante, encontrou-a enforcada. O desatino de viver invadiu seu coração. Cortou a corda depressa como se pudesse salvá-la. Pela primeira vez protegeu-a em seus braços negros e fortes.





Acariciando-a viu a grandeza de sua covardia. Não sabia para onde ir. Olhava para traz e era um menino preso pelo medo e covardia entre as aduelas da porta. Não conseguia chegar tão perto da morte, hipnotizado pelas sombras. Quando a mãe lhe falou:

- Pegue esta guia do seu orixá e guarde. Quando você não souber mais para onde ir, olhe para traz, meu filho. Um dia você vai ter que decidir se você é Inácio ou se você é Kokumo.

Atravessando a dor da morte dela e de sua mãe, a paixão p-ela liberdade que se escondia no seu íntimo achou passagem. Ele cavou a terra e, no mesmo lugar em que encontrou o diamante, enterrou sua amada e seguiu em busca da guia que sua mãe lhe deixara.





Nanã, orixá de sua mãe, dos mangues, do pântano, da lama, senhora da morte, responsável pelos portais de entrada e de saída do destino de cada ser, Ihe guiava. Pegava a argila e não era mais um garimpeiro da fazenda. Molhava a argila e não estava mais preso ao trabalho injusto e escravo. Amassava a argila e não era mais covarde, nem reproduzidor de escravos. Passava a argila em cada parte do corpo e não era mais Inácio. Com os portais da terra e de seu corpo abertos, ergueu a guia de contas azuis entre seus olhos e o céu. Ogum, aquele que abre os caminhos, Ihe falou:

- Bem vindo Kokumo, a marca dos seus passos de guerreiro impetuoso e solitário, de caçador apaixonado pela liberdade guiará os novos caminhos do seu povo.





Kokumo caminhou. Seu nome ecoava na serra. Foi até o pé da cachoeira, colocou a pedra negra ao seu lado e esperou. Sabia que Karran viria ao seu encontro. Karran chegou, sentou ao seu lado e viu a pedra.

- Sabia que estava com você, posso ver?
- Pode.
- Diamante negro, vale muito, podia comprar sua liberdade.
- Sou livre.
- Inácio, para casa -, Karran se encrespou falando opressor.
- Sou Kokumo.
- Kokumo! É um desafio?-, falou karran com desdém.

Kokumo lutou sem medo e sem covardia. Sua paixão pela liberdade confundia os olhos de Karran. Seu nome ainda ecoava na Chapada e seu corpo dançava guerreiro na capoeiragem. Venceu a arrogância de Karran e o deixou gritando no chão humilhado:

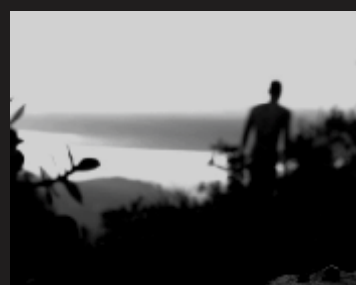
- Me mate. Me mate.
- Vou deixar você vivo para voltar para sua escravidão.





Kokumo devolveu o diamante negro para a Chapada, tirou a roupa de escravo que ainda lhe restava, banhou-se nas cachoeiras e caminhou livre abrindo caminhos em cima do morro em direção ao sol nascente.

Conta-se e reconta-se a lenda de Inácio, mas um dia todos os negros e negras da Chapada conhecerão a lenda de seu ancestral Kokumo.





A autora

Lillian Pacheco é **escritora, educadora griô, educadora biocêntrica, assessora em avaliação e planejamento, diretora e produtora cultural, coordenadora de projetos. Criadora da Pedagogia Griô**, idealizadora, coordenadora e/ou educadora dos Cursos de Extensão e Pós Graduação em Pedagogia Griô na USP, Unicamp e na UFRJ;

Autora, organizadora e/ou produtora dos livros: **“Pedagogia Griô: a Reinvenção da Roda da Vida”, “Nação Griô: o parto mítico da identidade do povo brasileiro”** referenciados em trabalhos de graduação, mestrado e doutorado na UNICAMP, UFBA, UEFS, UFRJ e UFRRJ; “O Mito do Diamante”, “O Amor e a Amora: as lutas de uma mulher com deus”, “Saber de Parteira”; “O Boi Estrela de Igotu”; “As Filhas de Oyá”, “A Lenda do Pai Inácio: versões e inversões brancas”, “O mito Filtro de Sonhos” e “A Lenda de Pai Inácio ou Kokumo: versões e inversões pretas”; Jogo de Trilha Griô; Autora de Artigos ou entrevistas nas Revistas: Dossie Pedagogia Griô - Diversitas, USP 2015; Forum - 2010; Conhecimento e Cidadania 6 -Tecnologias Sociais vol 2- 2008; RAIZ – 2006, 2007; Nova Escola 2001, 2009; Americana- 2007; Revista Escola Viva SPPC MInC – 2008; Presente – CEAP – 2008; Retrato 2010.

Premiada nacionalmente: **Primeiro lugar entre 1834 projetos no Brasil pelo Prêmio Itaú Unicef 2003; Destaque como Ponto de Cultura do Prêmio Cultura Viva – MInC 2007; primeiro lugar entre 800 projetos do Brasil no Prêmio Democratização Cultural - 2008;** Educação Patrimonial - IPHAN-BA 2006; Prêmio Escola Viva 2007; Prêmio Aretê - MinC, 2010; Prêmio Tuxaua – MinC, 2010; Prêmio Pontinhos de Cultura - Secult BA, 2014.

Idealizadora e coordenadora do projeto **Oficinas Grãos de Luz e Griô** (desde 1997) para educação de crianças e jovens, em parceria com Actionaid, Criança Esperança, Programa

Monumenta IPHAN, Ministério do Trabalho, Bovespa, ABC Trust – Inglaterra, AGLAE-Suíça, Ong LeNa-Espanha, Espaço Nordeste/Banco do Nordeste; **o projeto Trilhas Griôs de Turismo de Base Comunitária** (desde 1998) em parceria com a TAM, Programa Monumenta-IPHAN, Ministério do Turismo, Ministério do Trabalho, SETRE - Secretaria do Trabalho da Bahia, Rede Turisol, SEPRONI- Bahia e SECULT-BA; **o projeto Ação Griô Nacional e a Lei Griô** (desde 2006) em parceria com o Ministério da Cultura, Instituto Votorantim, Secretaria de Cultura da Bahia, Rede Ação Griô Nacional, Comissão Nacional dos Griôs e Mestres; o projeto **Griô na Escola, na Internet e na TV** (desde 2009) em parceria com o Ministério da Cultura, Instituto Votorantim, Fundação Vivo e TV Brasil; o projeto **Formação na Pedagogia Griô** (desde 1998) e o projeto **Universidade Griô** (desde 2009) em parceria com a Fundação Abruinq pelos Direitos da Criança, a Secretaria de Educação e Cultura de Lençóis, o Ministério da Cultura, Actionaid, UFRJ, USP, UFBA. Participação em entrevistas e matérias sobre os projetos nos jornais “O Estado de São Paulo” – 2003; “A Tarde” – 2001, 2002, 2003, 2004, 2013, 2014; Jornal “O Comércio de Pernambuco” – 2004; Jornal da Galícia – 2005 e 2009; Jornal “Correio da Bahia” – 2003; Diário Oficial do Estado da Bahia – 2003; Jornal O Estado de São Paulo” – 2005, 2007, 2009.

Diretora, roteirista e/ou produtora de 14 aulas espetáculos envolvendo atores sociais de grupos e comunidades tradicionais de todas as idades, com os títulos: Mãe Água; Três Vidas e um Rio; A menina e o menino; Sou Negro; Griô: a tradição viva; A História de Dona Bela; O Mito do Diamante; Heróis e mitos afro-brasileiros; A história da Sanfona; A História da Black Music; A História do Reggae; A Copa (não) vai acontecer; A nossa História; Por amor à vida - Lixão Não! Três aulas espetáculos selecionados para representar o Brasil em festivais internacionais e dezesseis festivais regionais.

Pensadora na área de Educação selecionada pelo MinC/ANCINE-2014 para apresentar diretrizes para a comunicação com crianças brasileiras por meio de TVs Comunitárias e TVs Públicas. Produtora, roteirista e ou diretora de mais de 25 vídeos e matérias de programas para veiculação na TV Brasil, TV Futura, TV Globo, TV Cultura, TV Educativa BA, TV Bahia, TV LBV, TiVi Griô sobre educação, cultura e tradição oral. Conferencista sobre a Pedagogia Griô e políticas de cultura, educação, tradição oral e turismo comunitário em diversos fóruns, conferências e congressos regionais e nacionais desde 1998; ex-Presidente do Conselho da Criança e do Adolescente de Lençóis Ba – 1998 a 2002.

Dicionário

Bamburrar - expressão utilizada pelos garimpeiros quando têm sorte no trabalho e encontram o diamante, uma pedra de grande valor; ficar rico, ter sucesso financeiro e na vida.

Cascalho - na geologia, o cascalho é qualquer fragmento de rocha que tem ao menos dois milímetros e na sua maior dimensão não mais do que setenta e cinco milímetros. Na cultura garimpeira, o cascalho é o ambiente de pedras pequenas em que se encontra o diamante.

Bateia - É uma ferramenta utilizada na busca do diamante e outros minérios. Ela lava a argila e o cascalho em movimentos circulares, equilibrados e sensíveis para selecionar ou concentrar as pedras de maior densidade e valor no pião, fundo da bateia. A bateia pode ter formato de um prato cônico pontiagudo lembrando bastante um chapéu vietnamita virado ao contrário ou o formato de um prato fundo. As bateias da Chapada são tradicionalmente confeccionadas em madeira, mas existem bateias de metal ou plástico.





FOTOGRAFIA: Ciro Pacheco; Davi Pacheco; Uilami Dejan de Azevedo / SUPERVISÃO DE FOTOGRAFIA: Mary Abrantes, Nayara Mendl, Natalia Tavares / ÁUDIO: Ciro Pacheco; Vitor Darlan Santos; Uilami Dejan de Azevedo

PRODUÇÃO, FIGURINO E CENOGRAFIA: Lillian Pacheco, Maiza Souza, Márcio Caíres, Marilane Freitas de Oliveira, Roseane Bernardo dos Santos, Fellipe Dourado, Rose Lane

MONTAGEM: Nayara Mendl, Natália Tavares e Marcos Carvalho

ASSISTENTE DE DIREÇÃO: Lillian Pacheco

DIREÇÃO: Coletivo Cinema no Interior

COORDENAÇÃO GERAL: Marcos Carvalho

ROTEIRO: Diliansa Diaz, Fellipe Dourado, Maraneane Passos, Ricardo Boa Sorte / SUPERVISÃO DE ROTEIRO: Tairone Feitosa

TRILHASOMORA: Wagner Miranda

DIVULGAÇÃO E ARTES GRÁFICAS: Márcio Piai, Uilami Dejan de Azevedo / MAKING OFF: Delvan Dias, Uilami Dejan de Azevedo

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS: Associação de Capoeira Corda Bamba, Associação Palácio de Ogum e Caboclos Sete Serra, Hotel de Lençóis – Dionísio Souza Martins e Rebeca Stephenson Martins, IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Pousada Canto do Bosque – Christel Tuwalla e Jasiel Longuinho, Pousada São José – Laércio de Souza e Silva, Terreiro dos Filhos de Umbando Deus e Oxalá, Prefeitura Municipal de Lençóis

REALIZAÇÃO:
MONT SERRAT FILMES

Ficha Técnica

ELENCO: Edina Souza Carmo - Mãe de kokumo; Everaldo Soares – Barão; José Henrique dos Santos - Preto velho; Julia Oliveira - Negra da fazenda; Ricardo Boa Sorte - kahan -Adulto; Tiago Carmo de Oliveira – kahran Criança; Tiago Gomes - Pai Inácio e kokumo Adulto; Wanderson Souza Santos – kokumo Criança; Wenderson Souza Santos - kokumo Criança; Celso Lima; Henrique Luiz; Maiza Souza Santos; Maraneane Passos; Rose Lane; Tácio Gomes; Uilami Dejan de Azevedo; PARTICIPAÇÃO ESPECIAL: Ailton Carmo dos Santos (Besouro)

PREPARAÇÃO DE ELENCO: Lillian Pacheco



RECEBENDO 16 TROFÉUS NO
FESTIVAL CINEMA NO INTERIOR

Associação Grãos de Luz
CNPJ 04.731.005/0001-45

Rua Nossa Senhora da Vitória, s/n, Lençóis - BA

Cep: 46.960-000 Telefone: (75) 3334 - 1040

E-mail: graosdeluzegrio@gmail.com

Facebook:

<https://www.facebook.com/GraosdeLuzeGrio?ref=hl>

Site: WWW.graosdeluzegrio.org.br



Grãos de Luz e Griô

Ponto de Cultura